

CURITIBA, PR, 22 DE NOVEMBRO DE 2002

*Meu caro Governador e amigo Jaime Lerner; Dona Fani; Senhores Ministros de Estado; Parlamentares; Presidente da Assembléia; Prefeito de Curitiba e sua Senhora; Senhoras e Senhores; Minha querida gente do Paraná,*

O que se pode dizer, depois do que disse o nosso Governador, sobre esse grande brasileiro, esse artista universal, que é Oscar Niemeyer, aqui presente? Tenho dificuldade, hoje, de me dirigir a vocês – me permitam a informalidade – depois do discurso que ouvi do Governador Jaime Lerner.

Raramente – e olhem que sou treinado em ouvir discursos –, raramente tenho ouvido um discurso tão apropriado, tão à altura dessa obra de Oscar Niemeyer e da grandiosidade deste Museu; nem sei se a expressão “grandiosidade” cabe, mas da extraordinária força de atração deste Museu.

Pouco resta a dizer. Resta dizer, apenas, da minha alegria, como Presidente da República, ao final do mandato, de poder ver, com o Governador Jaime Lerner, o quanto a força do Brasil continua nos levando para frente, e como essa força se materializa em obras de arte.

Percorri o Museu, olhando aqui e ali essas salas imensas, hectares e mais hectares à disposição da arte e, mais do isso, da possibilidade de um encontro de todos, em espaços grandiosos.

Talvez o que mais caracterize – perdoem-me a incursão no que não me é próprio, que é a arquitetura –, o que mais caracterize a obra de Oscar Niemeyer seja o espaço, o modo como, de maneira simples, cria esses vãos imensos e, com eles, a beleza. Às vezes, a beleza até do vazio, que não é fácil.

E, aqui, percorrendo esses espaços, esses túneis, eles próprios parte dessa beleza, fiquei pensando, quem sabe, estando a poucos dias, semanas de deixar de viver num dos prédios mais lindos do mundo, que é o Palácio da Alvorada, quem sabe eu possa, de vez em quando, vir aqui, a Curitiba, e me recordar do Alvorada, ao ver aqui, de novo, a força de Niemeyer, fazendo esse encontro de beleza e criando uma espécie de ágora da cultura.

Num espaço onde, certamente, a cidade vai ser pensada, onde a tecnologia existe, onde a possibilidade do aproveitamento da matéria-prima já é ressaltada, como agora, como matéria bruta, e onde tudo vai incitar a um olhar mais generoso, como disse o Governador.

Tivemos, ainda, a sorte, hoje, de assistir à inauguração, junto com a do prédio, de uma exposição da cultura mexicana. Isso me foi muito sensível. Primeiro, porque tenho muita relação com o México, mas por uma outra razão, também: quantas vezes recebi visitantes, em Brasília, e quantas vezes me perguntaram sobre Brasília, não só sobre arquitetura, sobre Lúcio Costa, sobre a cidade de Brasília.

Hoje sou quase um habitante de Brasília, mas, no começo, eu tinha dificuldade em sentir a cidade. Mas, pouco a pouco, fui sendo ganho pela cidade. E, ao ser ganho pela cidade, fui, talvez, mudando o meu relacionamento com as próprias obras que lá estão.

No começo, eu sentia Brasília – perdoem, outra vez, a impropriedade de meter-me em searas alheias – como se fosse uma cidade mexicana. E, por isso, me refiro, aqui, às pinturas. Havia alguma coisa, em Brasília, da cidade cerimonial do poder, como uma cidade asteca. Uma

cidade branca, na minha visão. Uma cidade que devia ser pura – difícil – para a cerimônia do poder.

Mas me dava sempre essa impressão um pouco estranha de ser uma cidade tão brasileira e, ao mesmo tempo, eu sentia como se fosse uma cidade asteca.

Hoje, quando olhava os quadros de Siqueiros, Diego Rivera, Tamayo, os grandes do México, eu procurei refazer, na minha memória, por que será que eu me sentia assim, em Brasília, num certo momento, não diria estranho, porque não me sinto estranho no México, mas com essa relação, que não era a relação habitual que eu tenho, por exemplo, com o Rio de Janeiro, com São Paulo ou mesmo com outras cidades em que vivi – Santiago do Chile, Paris, a nossa Califórnia, pelo mundo afora.

Aí, fui vendo que talvez essa tenha sido a genialidade dessa dupla que fez Brasília – Lúcio Costa e Niemeyer. É uma cidade muito nossa, muito brasileira. Nas suas formas modernas, claro que se pode ver um pouco de Le Corbusier, mas tem algo que, não sei, me lembra Minas, é um pouco o barroco. E, de repente, é uma cidade imponente. E, de repente, essa imponência vira simplicidade. E, de repente, aquilo que me parecia ser uma cidade mexicana, eu acho que é uma cidade do interior do Brasil. E, depois, vejo que não, que é uma metrópole. E, hoje, francamente, depois desses anos todos, sinto que Brasília é uma marca do Brasil. É Brasil, como é Brasil isso aqui, que estamos inaugurando hoje.

E a ponte entre Brasília e este Museu é que aqui o gênio da nossa raça – e um dos maiores está aqui conosco –, o gênio da nossa raça está presente. E os operários que fizeram este Museu, cantando, de alguma maneira, expressam isso. Expressam uma conformidade entre um sentimento, um sentimento que não passa pela razão – e a razão engana muito –, um sentimento que não se consegue decifrar e aquela vontade de fazer com que esse sentimento se transforme em pedra, em cimento, em cal, em alguma coisa que pode parecer estática, mas que não é estática, porque é o espaço. E esse espaço é para o encontro. Esse espaço é para a produção de coisas novas, é para a criatividade, é para ver mais longe.

Está aí o olho. O olho permite ver mais longe. Não posso falar mais nada. Nada seria mais apropriado que o que já foi dito pelo Governador

Lerner sobre essa imagem que está aqui, deste olho impressionante. Aqui, eu perguntei: que material é esse? É o mesmo do Congresso. E, de novo, me leva a uma certa afeição, sem que eu mesmo perceba por quê, com este prédio. É o olho do Congresso. Mas é um olho que tem a esperança, alguma coisa que mostra um caminho, um caminho que já foi aqui descrito pelo Governador Lerner.

E isso é muito próprio do Paraná. E, se me permitem mais uma referência de cunho não oficial, não formal, como os meus discursos, isso também me leva a expressar a satisfação de que este Museu esteja aqui, em Curitiba, e que ele não tem uma forma de Museu. É vivo, é um ponto de encontro. O Governador sabe. Primeiro, porque, no começo da minha carreira, como Sociólogo, trabalhei aqui em Curitiba, andei muito por esta cidade. Já não me recordo, era outra cidade, faz 50 anos isso, era outra cidade. Eu palmilhei a Curitiba de então, os bairros pobres, porque eu estudava a pobreza, estudava os negros, estudava as favelas.

Mas Curitiba é também a cidade onde nasceu meu pai, cidade em que venho tão raramente. E, quem sabe, agora, ao terminar meu mandato, ao voltar aqui e ao me sentir mais próximo do Alvorada – do Palácio, não do poder, que não o quero mais, mas do Palácio, da beleza que é aquele Palácio –, quem sabe aqui eu me encontre também com a memória. Com a memória não só da minha família, do meu pai, mas a memória da Curitiba que conheci. Uma Curitiba mais fria do que a atual, mas infinitamente menos, não rica em matéria, não rica materialmente, mas infinitamente menos rica materialmente, culturalmente, do que a Curitiba de hoje. E, quem sabe, a gente possa ver que o custo a que se referiu o Governador não tem a menor importância, Governador.

Qual foi o custo de Brasília? O custo de nós nos sentirmos identificados, como já disse o Governador, conosco, de termos auto-estima, de sabermos, de podermos demonstrar ao mundo que, sem recusar o mundo, que seja a França de Le Corbusier, que seja a inspiração que não sei se será dele, mas é minha, na sensibilidade de ver Brasília como pedaço de um México, talvez um México dos meus sonhos e não o México da realidade, o custo de ver que nós nos reconhecemos como capazes de enfrentar o futuro, de ter esse olhar pan-óptico, capaz de ver

para todos os lados, mas de projetar para frente. Esse custo não significa nada diante daquilo que é fundamental, que é a continuidade da construção de um país que se quer a si mesmo, que é capaz de se expressar como beleza, que é um país capaz de reconhecer o outro, de aceitar as diferenças nossas internas e externas e de continuar acreditando que é necessário e possível criar uma civilização cada vez mais democrática, cada vez mais generosa.

E este Museu, é assim que o vejo: como uma marca que, sem dúvida, é a marca de um arquiteto, que não é só o arquiteto genial Niemeyer, mas é de outro arquiteto, também genial, construtor de cidades, que é o arquiteto Jaime Lerner. O arquiteto Jaime Lerner está aqui, nesta obra, que certamente foi feita, como ele já mencionou, com o concurso de tantos outros arquitetos, de tantas arquitetas, de quantos e tantos trabalhadores, mas, certamente, sob a inspiração, sob a motivação de um Governador que, no dia-a-dia pesado da Administração Pública – e nós dois sabemos o quanto ele é pesado –, nunca deixou de ter a sensibilidade necessária para construir marcas não pessoais, marcas do momento da sua história, da história que estamos vivendo.

Isso é uma marca do Paraná de hoje. E o Paraná de hoje, quisera eu, fosse também uma marca – e é – do Brasil de hoje, que é um Brasil mais confiante, que é um Brasil mais sereno, que é um Brasil, talvez, menos – não digo menos contraditório, porque é muito contraditório –, mas mais voltado a resolver as contradições que, simplesmente, proclamá-las e, a partir delas, evitar que se dê um passo adiante. É um Brasil que dá passos adiante.

Governador Lerner, Meus amigos, minhas amigas, Povo do Paraná, isso aqui é um passo de gigante. É a marca de que Curitiba e o Paraná, sendo brasileiros, têm algo de muito próprio. E porque têm algo de muito próprio, foram buscar no arquiteto mais universal e, ao mesmo tempo, mais brasileiro, a possibilidade de que nós, hoje, tenhamos esse momento extraordinário. E tão extraordinário é, ao ouvir, aqui, a fantasia sobre o Hino Nacional, me recordei – e termino já –, mas me recordei de que estava na Polônia, em Varsóvia, com o Presidente da Polônia, e, de repente, havia o Hino Nacional Brasileiro. E ele me perguntou:

“Isso é hino ou é ópera?” E me diz ele: “Eu conheço muitos hinos” – ele sabe muito – “nunca ouvi um hino tão rico de musicalidade e tão próprio para ser uma ópera”. Imaginem se ele tivesse ouvido a fantasia do Hino Nacional, que leva a imaginação de um hino ao limite máximo da criatividade. Não tem nenhum sinal de guerreiro, nenhum sinal, mesmo os hinos mais famosos são hinos que querem a marcha; o nosso Hino quer muito mais que a marcha, quer a aproximação, quer o con-graçamento.

De modo que, Governador, inaugurar essa obra hoje, com a presença do maior artista brasileiro vivo, e um dos maiores de todos os tempos, com a presença de tanta gente que trabalhou aqui, com esta música, com a exposição mexicana, não foi um feito para o Presidente da República se despedir do Paraná, mas é como se fosse.

Vou com saudades, mas com a certeza de que poderemos nos encontrar, muitas vezes, neste espaço. E, aí, quem sabe, eu possa caminhar sem gente ao meu lado e possa ver cada detalhe – não gente do povo, mas, sim, toda essa parafernália presidencial, que eu costumo quebrar, mas não me deixam muito. E eu possa, quem sabe, olhar mais no detalhe essa maravilha, que é a transformação havida aqui, no Paraná, nessa nossa Curitiba, tão bem expressa neste Museu.

Parabéns a todos vocês.